

DEFORMAÇÃO CRANIANA ENTRE OS ÍNDIOS KARITIANA: ANÁLISE DE FOTOS DE ARQUIVO

Sheila Mendonça de Souza¹

RESUMO — Três fotografias de um jovem índio Karitiana, datadas de 1912, são analisadas neste trabalho. O documento foi obtido por ocasião de uma das expedições de Carlos Chagas na Amazônia e pertence ao acervo da Casa de Oswaldo Cruz. Tecnicamente bem tomadas, as fotos mostram diferentes projeções de uma variedade de deformação craniana artificial usada por aquele grupo Karitiana. O estudo detalhado do documento permite caracterizar a deformação como anular oblíqua. Dados etno-históricos sobre a nação Karitiana confirmam a prática deformatória até meados deste século. Ainda hoje observada em remanescentes do grupo, a deformação assemelha-se à registrada na antiga população Aymara (Bolívia), diferindo dos tipos tabulares, mais difundidos entre índios sul-americanos (no Brasil, p.e., podem-se citar os Cambeba e grupos tribais da Ilha do Marajó). Neste trabalho enfatiza-se a importância de estudos detalhados sobre práticas de deformação craniana em grupos indígenas brasileiros, de forma a permitir a proposição de hipóteses sobre movimentos populacionais indígenas no passado. Discute-se a antiguidade e dispersão da deformação tabular no Brasil, em comparação com a localização aparentemente restrita e recente da deformação anular.

PALAVRAS-CHAVE: Deformação craniana; Antropologia física; Índios Karitiana; Rondônia.

ABSTRACT — Three photographs of a young Karitiana Indian, dated from 1912, are analyzed in this paper. These were obtained during an expedition carried out by Carlos Chagas in Amazonia and belong to the collection of the Casa de Oswaldo Cruz. Technically well taken, the photographs show an Indian with a kind of cranial deformation that is typical of the Karitiana group. A detailed visual analysis allows us to classify the deformation as annular (oblique variety). Ethnohistorical data on the Karitiana Indians suggest that the practice of artificial deformation was carried out until the middle of this century. There is evidence that some remaining deformed individuals of this group were seen until a few years ago. The kind of deformation observed among the Karitiana Indians is similar to that recorded for the ancient Aymara Indians of Bolivia, but is quite different from the tabular type that is more widespread in South America. (In Brazil, for instance, the tabular type was found among the Cambeba and among tribal groups of Marajó Island). Investigation of artificial cranial deformation among Brazilian native populations allows us to test hypotheses regarding their migrations during prehistoric and historic times. This approach leads us to consider the tabular type of cranial deformation as the more ancient and widespread type, as compared with the annular deformation that is both more recent and restricted.

¹ Departamento de Endemias Samuel Pessoa, Escola Nacional de Saúde Pública - FIOCRUZ, Rua Leopoldo Bulhões 1480, CEP 21.041-210, Manguinhos, Rio de Janeiro.

KEY WORDS: Cranial deformation; Physical anthropology; Karitiana Indians; Rondonia.

"Nenhuma luz poderá dissolvê-la nas verdades; mas a aplicação do olhar, sucessivamente as despertará e lhes dará objetividade" (Foucault 1987)

INTRODUÇÃO

Durante a VI Jornada Científica da Fundação Oswaldo Cruz (1991) foi realizada uma mostra fotográfica com material do acervo da *Casa de Oswaldo Cruz*. Os documentos iconográficos apresentados foram fruto de registros feitos por ocasião de expedições científicas em áreas interioranas do Brasil, coordenadas por Carlos Chagas e contando com a presença de outros sanitaristas da equipe de Oswaldo Cruz.

O acervo da Casa de Oswaldo Cruz contém cerca de 2000 imagens documentais das atividades de Manguinhos ao longo de sua história. Dentre os poucos registros de figuras indígenas, a exposição incluiu fotos datadas de 1912, revelando projeções da cabeça de um adolescente da tribo Karitiana, podendo-se observar seu contorno craniano peculiar. O registro fotográfico foi efetuado em três ângulos distintos, tecnicamente corretos, obedecendo aos cânones científicos da época. Facilmente se percebe tratar-se de deformidade intencional de caráter étnico. Tal deformidade não é mencionada nos documentos da expedição, razão pela qual o material permaneceu arquivado sem uma interpretação adequada de seu significado.

A prática de deformações cranianas entre grupos indígenas brasileiros foi pouco abordada pelos especialistas. Em alguns casos houve até mesmo descaso por este tipo de estudo, considerando-se as referências a tais práticas como interpretações incorretas ou fantasiosas. Muito embora se reconheça a penetração de grupos andinos na Amazônia brasileira - num processo de difusão da cultura no espaço geográfico - as informações sobre este processo de mobilidade estão dispersas, sendo as práticas deformatórias mal caracterizadas para grupos indígenas brasileiros. Mesmo Steward (1950) em sua revisão, ou trabalhos mais recentes como Munizaga (1987) são omissos quanto à existência desse tipo de deformação no Brasil. Para alguns autores, a Amazônia é caracterizada pela prática deformatória de crânios, fato possivelmente relacionado à estruturação de sociedades complexas ali desenvolvidas em passado remoto. Esta abordagem merece ser detalhada, em especial pelo seu significado para a compreensão das relações culturais da Amazônia com a América andina.

Em sítios arqueológicos da ilha de Marajó, mais antigos do que demarca o período pós-colombiano, foram desenterrados crânios com sinais de deformações intencionais (Roosevelt 1991). A descrição de tais deformações foi feita por Greene (apud Roosevelt 1991). Trata-se de dois crânios pertencentes à coleção Rempen, guardada no Museu Americano de História Natural (c. 1896), apresentando achatamento occipital, com forma tabular, chamada classicamente "bishop's mitre".

Em outros sítios arqueológicos brasileiros alguns exemplares com evidências de deformação craniana foram encontrados, mas não houve confirmação do caráter intencional e étnico do achado.

A iconografia de Alexandre Rodrigues Ferreira (1774) também informa sobre as deformações cranianas no Brasil, analisando sua prática entre os Cambeba ou Omágua do Alto Solimões. Metraux (1948) se reporta à deformação praticada pelos Mojo do Alto Mamoré. Em ambos os trabalhos, o tipo descrito é diferente daquele observado no rapaz Karitiana.

Em recente publicação, Porro (1992) discute dados sobre a prática de deformação craniana entre os Cambeba ("Canga-peba" = "cabeça chata") e sua possível relação com migrações recentes no processo de povoamento da bacia amazônica. Para ele, a deformação craniana pode "ser um elemento de origem andina trazido rio abaixo em época tardia (fim do século XVI)". Num exemplo rápido, o autor menciona a deformação entre os Karitiana, publicando as fotos aqui analisadas, relacionando o padrão deformatório ao observado entre os Cambeba.

A deformação anular parece ser uma prática muito antiga, e para Munizaga (1991) parece ter estado presente no altiplano Boliviano e Peruano há pelo menos 4.000 anos. Para este autor, o surgimento das práticas de modificação intencional do corpo chamadas deformação craniana devem ter sido sincrônicas ao surgimento do algodão, cujas fibras eram usadas no tecido das bandagens. Foi uma prática difundida em diferentes regiões do mundo (Ásia, Polinésia, América do Norte e inclusive Europa), e embora seja aparentemente o mais antigo, não é o tipo mais comum encontrado na América do Sul, onde prevalecem as deformações tabulares. As deformações anulares são características da região do Alto Beni, na Bolívia, lugar das nascentes do rio Madeira. São encontradas entre os povos Aymara (Andes).

O objetivo básico deste trabalho é descrever e analisar as três fotos do jovem modelo Karitiana portador de deformidade craniana anular. Além disso, pretende-se acrescentar dados ao conhecimento da prática deformatória entre índios sul-americanos e enfatizar a potencialidade de acervos iconográficos como fonte de dados para estudos antropológicos.

MATERIAL E MÉTODOS

Segundo Coimbra Jr. *et al.* (1985), os índios Karitiana (Caratiana, Caritiana) vivem hoje no Posto Indígena Karitiana, junto ao igarapé Sapoti, afluente do rio das Garças. Há entre os integrantes do grupo alguns com deformação craniana, de modo similar ao do jovem retratado nas fotos estudadas.

De acordo com o mapa etno-histórico de Kurt Nimuendaju (IBGE 1981), o povo Karitiana teria sua localização mais antiga conhecida (1909) em terras à margem direita do rio Madeira, principalmente junto às barrancas esquerdas de seu afluente Jaci-Paraná. Teriam por vizinhos os seguintes grupamentos: os Karipuna,

tradicionalis inimigos, assentados às margens do Madeira; os Pama, na foz do Jaci-Paraná; os Boca-Preta, nas cabeceiras do Jaci-Paraná. Sua localização restrita no mapa de Nimuendaju (IBGE 1981) permite supor inferioridade numérica em relação a outros grupos existentes na região. O mapa publicado por Roquette-Pinto (1933), referente à viagem da Comissão Rondon, localiza os Karitiana numa pequena área à margem direita do rio Madeira, no interflúvio Jamarý-Jaci-Paraná, a leste do Jamarý, próximo a Porto Velho, numa localização próxima à atual. Seus vizinhos seriam os Arikene, os Karipuna e os Boca Negra, entre outros. Apesar de fornecer a localização dos Karitiana, tais fontes não mencionam a prática deformatória. Não foram encontradas, entre as fotos da Comissão Rondon, ou nos relatos antropológicos de Roquette-Pinto, informações sobre práticas deformatórias.

Neste trabalho, procedeu-se a uma análise minuciosa do documento fotográfico relacionado à expedição de Carlos Chagas em rios amazônicos. A finalidade pode ser resumida na caracterização e contextualização etno-histórica da deformidade craniana observada no jovem índio Karitiana, com eventual associação a outros tipos de deformidade descritos na literatura.

Em princípio fez-se uma análise visual detalhada dos documentos. A seguir foram elaborados diagramas simplificados baseados nos contornos cranianos. Procurou-se estabelecer correlação do padrão de deformidade observado com cânones para os diferentes tipos de deformações cranianas intencionais de caráter étnico. Após a caracterização do tipo de deformação, desenvolveu-se a etapa de levantamento bibliográfico, permitindo comparações e inferências sobre a existência de um padrão cultural de deformidade entre os Karitiana, capaz de ser associado ao encontrado em outros grupos indígenas da América do Sul.

De acordo com Imbelloni (1925) e Comas (1966), a caracterização gráfica de crânios deformados é feita em quatro etapas: fotografia frontal, fotografia lateral, estimativa do ângulo do eixo de obliquidade do crânio com o Plano de Frankfurt e análise de duas curvas transversais, perpendiculares ao eixo de obliquidade, a primeira no meio do eixo e a segunda em seu quarto superior. Observando-se as fotos e seu diagrama foi possível desenvolver pelo menos as três primeiras etapas. Embora a última seja fundamental à caracterização das deformações anulares, neste trabalho foi possível analisar uma série de elementos adicionais, presentes nas fotos, de caráter complementar.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O documento analisado contém três fotos de 9 por 12 cm, acompanhadas da seguinte legenda: "Índio Caratiana - Rio Jamarý - 16 Anos, C.31, 13x18, N.15".

O registro fotográfico pode ter sido feito em fins de 1912 ou início de 1913, época em que a expedição do Instituto Oswaldo Cruz percorreu rios da bacia amazônica, atingindo o Acre. As fotos retratam a metade superior do tronco e a cabeça de um jovem, em projeções frontal, lateral direita e lateral obliquada

esquerda (Figuras 1-3). Tal diversidade de ângulos permite avaliar com fidelidade o contorno deformado do crânio do modelo. Pode-se notar que o modelo se apresenta de cabelos cortados próximo à raiz - como que raspados - e não ostenta qualquer adorno. Chama a atenção o fato de terem as fotos sido registradas de acordo com convenções bioantropológicas clássicas (Dembo & Imbelloni 1938). Houve provavelmente orientação técnica de um profissional com conhecimentos antropológicos (talvez o médico Belizário Penna). Percebe-se especial cuidado na documentação do perfil obliquado (Figura 3), permitindo obter uma perspectiva adequada do aspecto da deformidade.

O modelo veste um blusão abotoado. Em duas fotos encontra-se sentado. O entorno das imagens sugere terem sido os registros obtidos nas proximidades de uma construção, entre objetos de mobiliário de uso doméstico de uma população rural. As fotos não podem ser associadas a quaisquer outras presentes no acervo retratando indígenas. Não há reproduções do modelo em outras posições ou de corpo inteiro. Também não há informações sobre como tais fotos foram obtidas. Os pesquisadores da Casa de Oswaldo Cruz sustentam ser este material referente a certa viagem na qual o rio Jamary não teria sido visitado, embora reafirmem tratar-se de foto proveniente do acervo da referida expedição. Trata-se de uma observação intrigante, pois a legenda do documento fotográfico refere-se explicitamente a este rio amazônico (Figura 1).

O jovem Karitiana tem aspecto morfológico mongolóide, concordando com sua estrutura biológica ameríndia. Seu crânio, porém, é alongado obliquamente e posteriormente, de modo compatível com o formato cônico em torre característico das deformidades anulares artificiais mais frequentes entre populações humanas. Alguns detalhes anatômicos são particularmente evidentes, tais como o aplainamento da nuca, a depressão frontal causada pelo aparato de compressão, a deformidade assimétrica dos pavilhões auditivos e a projeção acentuada dos globos oculares (Figura 1).

Para o pesquisador Thielen (comunicação pessoal), da Casa de Oswaldo Cruz, a relação entre os registros fotográficos e a expedição de Carlos Chagas é discutível, dada a aparente divergência entre o roteiro da viagem e a identificação contida na legenda das fotos. Mas deve ser considerada a hipótese de ter sido o material efetivamente obtido durante a expedição, pois o índio fotografado não se apresenta em um contexto de aldeia e sim em um contexto de população ribeirinha não tribal. A referência ao rio Jamary pode indicar apenas a procedência geográfica do indivíduo e não o local onde as fotos foram tomadas.

A análise da documentação fotográfica pode ser simplificada nos seguintes elementos: um rapaz de 16 anos, proveniente da nação indígena Karitiana (Rio Jamary), teria chamado a atenção dos membros da expedição científica, em virtude de sua deformidade craniana. As fotos teriam sido tomadas em uma localidade visitada pela expedição (não necessariamente no rio Jamary), talvez um dos seringais ribeirinhos, onde o rapaz Karitiana poderia estar integrado à força de trabalho, tal

como outros índios documentados durante a viagem. Se for considerado ter sido o contato com a tribo Karitiana feito ao final do século passado (Coimbra Jr. *et al.* 1985), numa região ocupada desde pelo menos 1909 (IBGE 1981), a hipótese aqui proposta parece pertinente.

Submetendo-se o documento a uma análise semiológica objetiva, pode-se concluir que as imagens da cabeça do jovem índio refletem uma prática deformatória adotada pela nação Karitiana até meados do século XX. Ainda hoje há evidências da remanescência desta prática naquele pequeno grupo tribal. (Coimbra Jr. *et al.* 1985).

As fotos e o diagrama desenhado com base nelas (Figura 4) permitem caracterizar o crânio analisado como cônico, apresentando diâmetro superior menor que o diâmetro inferior, tanto à projeção frontal como ao perfil. A deformidade é evidente na projeção lateral mas de aparência discreta à visão frontal. Não há constrição lateral acentuada do crânio, embora seja observado um rebaixamento assimétrico do pavilhão auditivo direito, com retificação acentuada da sua borda superior. Uma sombra arqueada, visível na fotografia de frente, parece indicar o contorno da sutura coronária, atrás da qual se delinea o contorno simétrico do crânio. Ao nível da região supra-orbitária, na área correspondente ao osso frontal, há uma depressão transversa percorrendo toda a frente, mais rebaixada à direita que à esquerda.

O diagrama construído a partir das fotos, embora não substitua o estudo estereológico, permite verificar que, em visão de perfil, há aplainamento craniano ântero-posterior, com perda do relevo nucal. O bio sólido craniano é dotado de um eixo geral inclinado posteriormente, cerca de 120° em relação ao Plano de Frankfurt, obtido, no presente caso, por aproximação a partir das órbitas e da localização do conduto auditivo externo (Figura 5).

A deformidade observada pode ser classificada como de tipo anular, de variedade oblíqua (Dembo & Imbelloni 1938), causada por pressão circunferente, através da amarração de bandagens em torno do crânio. Tal deformação seria caracterizada pelos seguintes elementos: forma cônica, não muito acentuada na visão frontal; achatamento da nuca com perda de definição do ínio e da protuberância occipital externa; existência de sulco pós-coronal ou retro-coronal; existência de saliência pré-bregmática secundária a uma espécie de acavalgamento ósseo resultante da compressão circular da frente no período de crescimento, forçando a cabeça a crescer no sentido longitudinal superior. É o que D'orbigny (apud Dembo & Imbelloni 1938) descreve como "espece de cheveuchement du coronal sur les parietaux". A construção por aproximação do losango de Klaatsch permite estimar um ângulo de cerca de 80° no lâmbda, concordando com o padrão esperado para este tipo de deformação.

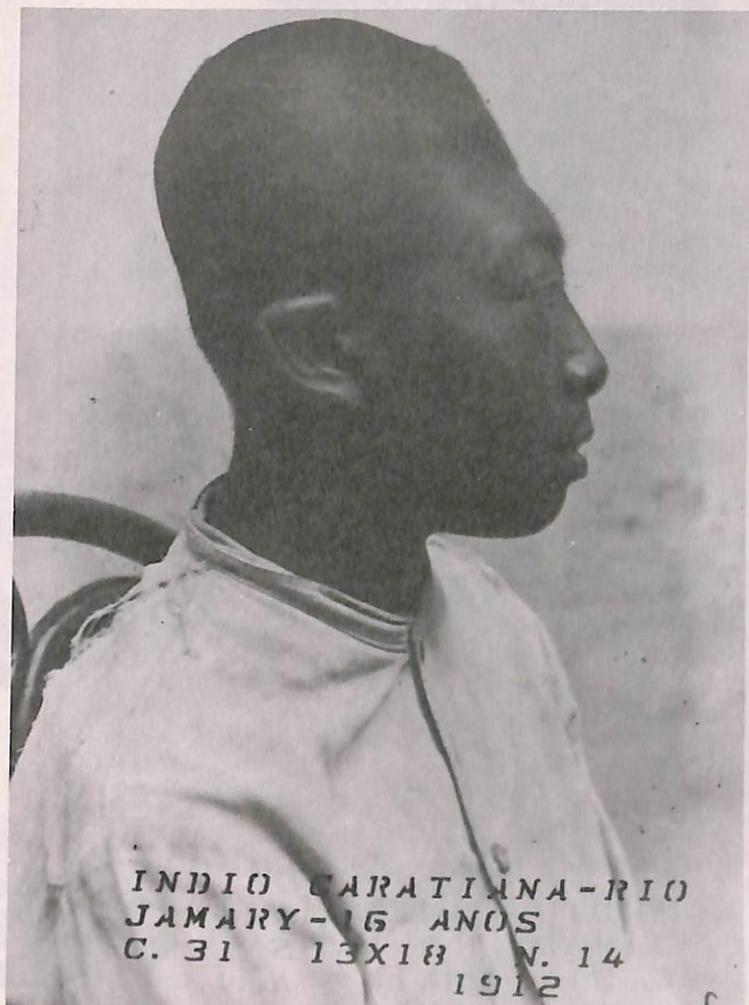


Figura 1. Foto de jovem índio Karitiana, feita durante a I viagem de Carlos Chagas à Amazônia, para reconhecimento das condições sanitárias daquela região, ao início do século. O crânio, em perfil, apresenta-se com forma de torre, conseqüente à deformação de tipo anular (acervo Casa de Oswaldo Cruz, FIOCRUZ, Rio de Janeiro).

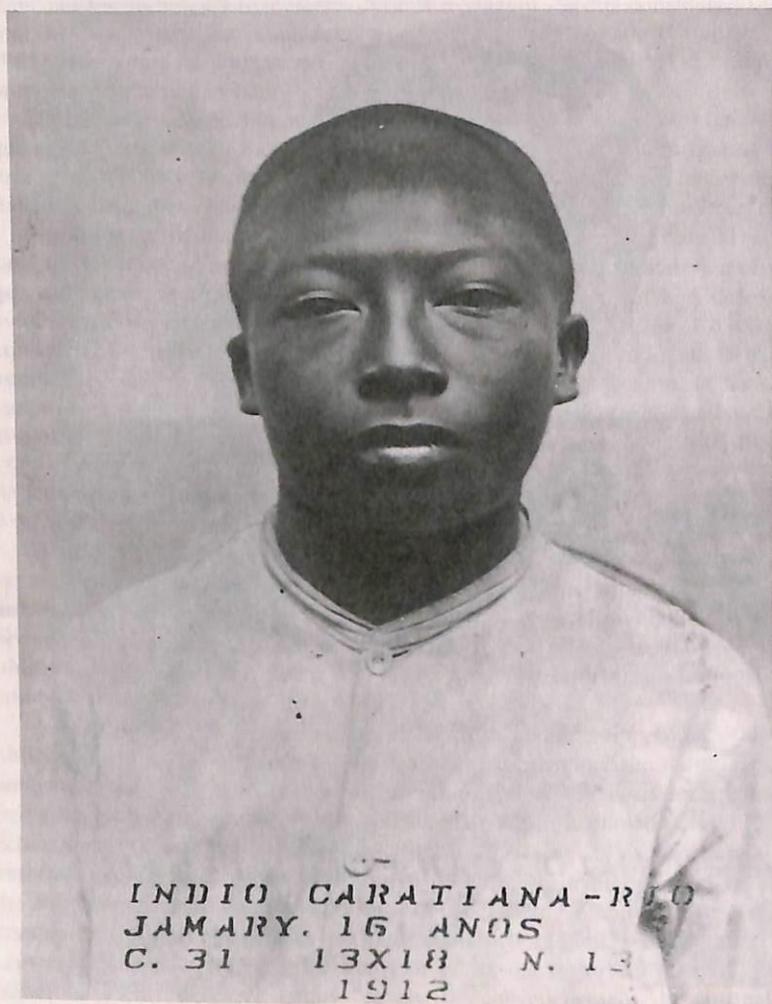


Figura 2. Foto do jovem Karitiana, mostrando a modificação intencional do crânio, em vista anterior.

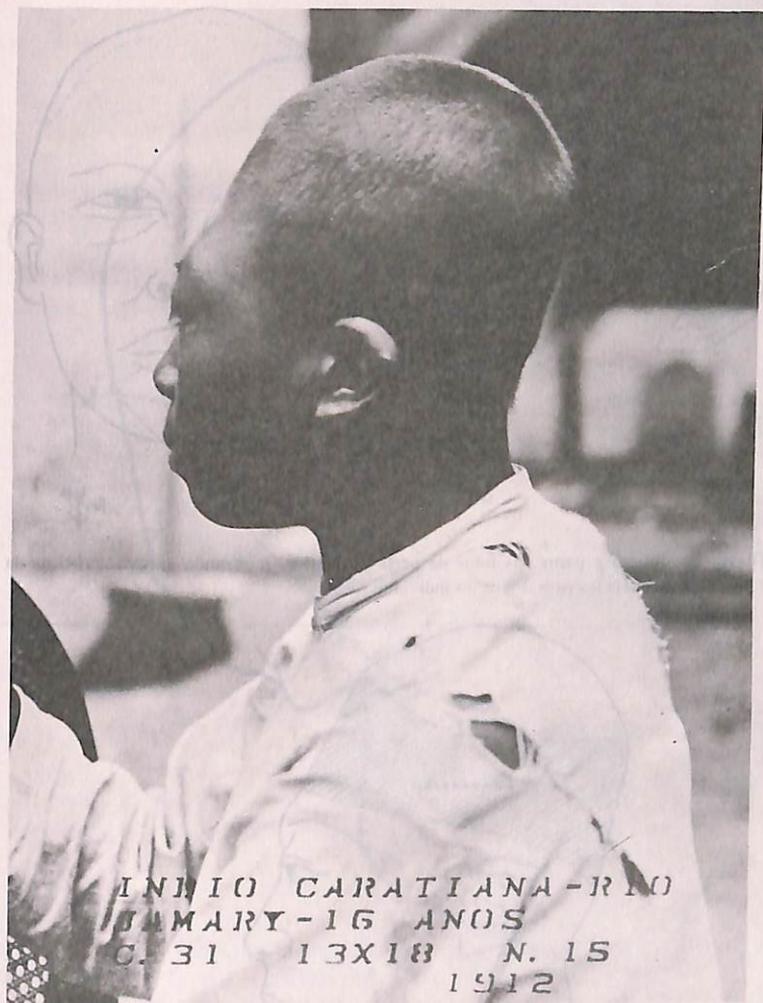


Figura 3. Foto do jovem Karitiana, em perfil rodado.

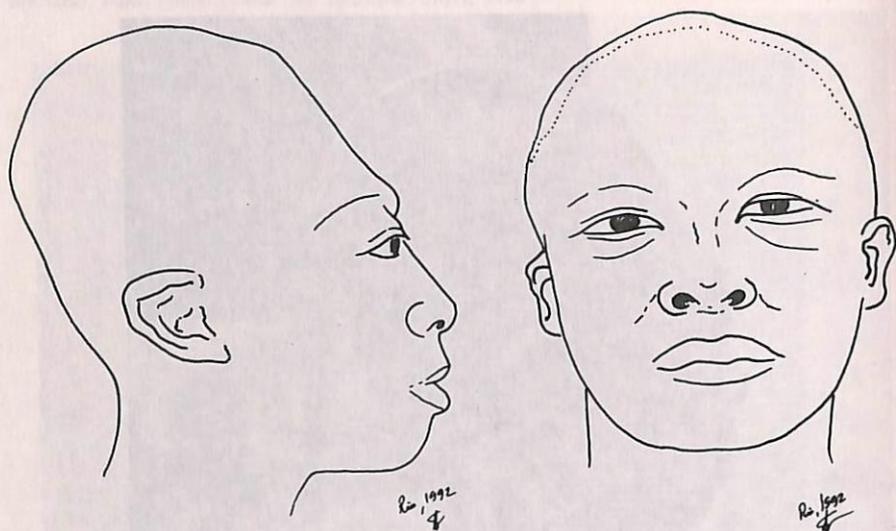


Figura 4. Diagramas obtidos a partir das fotos de perfil e anterior, mostrando as características da deformação e suas conseqüências para a face do indivíduo.

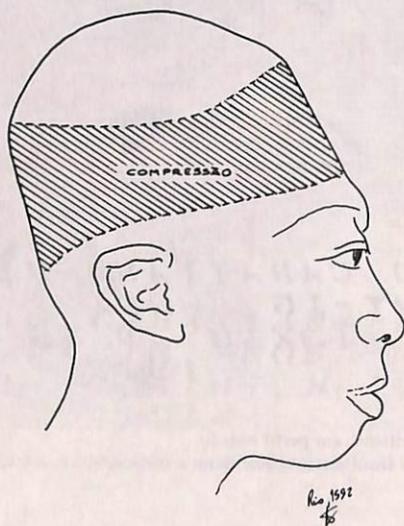


Figura 5. Demarcação da área de compressão circunferencial, provavelmente obtida por bandagens.

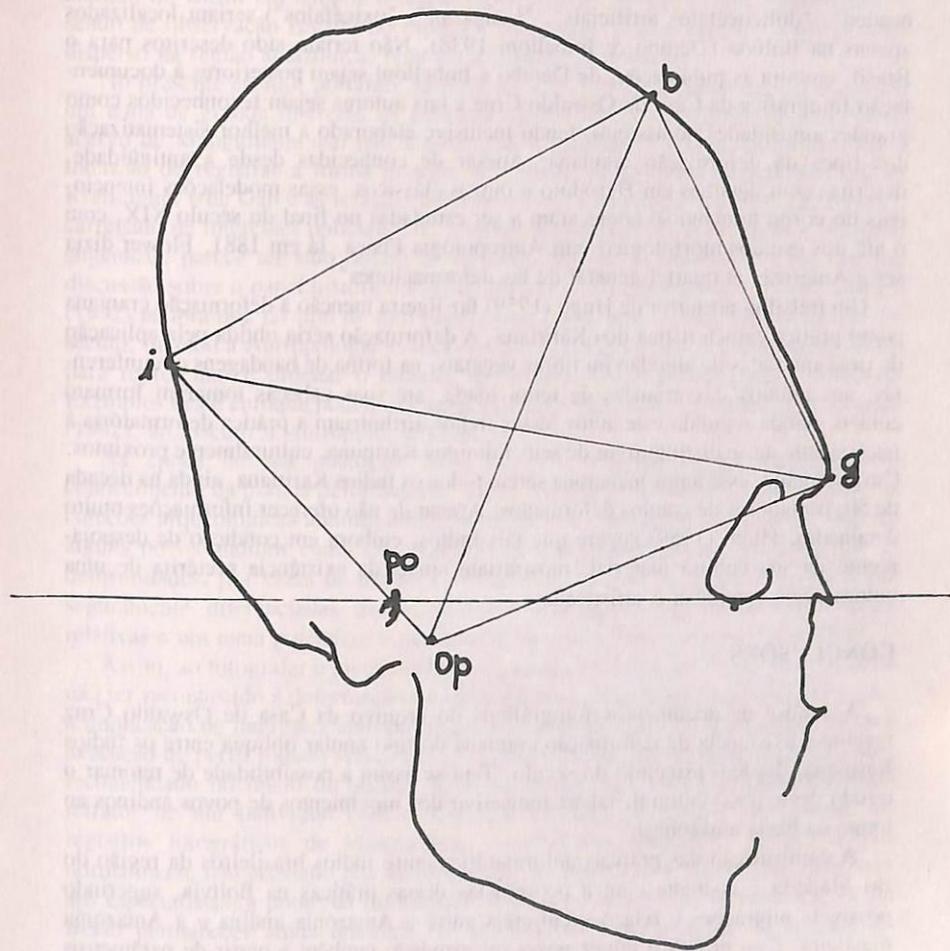


Figura 6. Projeção hipotética do polígono de Klaatsch, e da linha correspondente ao plano horizontal de Frankfurt, sobre o perfil ósseo provável do indivíduo, de acordo com o proposto por Imbelloni (1925).

De acordo com os registros bibliográficos obtidos, os *camecéfalos* ("long-headed", "dolicocefalos artificiais", "Langkopf", "oxicéfalos") seriam localizados apenas na Bolívia (Dembo & Imbelloni 1938). Não teriam sido descritos para o Brasil, embora as publicações de Dembo e Imbelloni sejam posteriores à documentação fotográfica da Casa de Oswaldo Cruz e tais autores sejam reconhecidos como grandes autoridades no assunto, tendo inclusive elaborado a melhor sistematização dos tipos de deformação craniana. Apesar de conhecidas desde a antigüidade, descritas com detalhes em Heródoto e outros clássicos, essas modelações intencionais do corpo humano só começaram a ser estudadas no final do século XIX, com o afã dos estudos morfológicos em Antropologia Física. Já em 1881, Flower dizia ser a América "el quartel general de las deformaciones".

Um trabalho posterior de Hugo (1959) faz ligeira menção à deformação craniana como prática característica dos Karitiana. A deformação seria obtida pela aplicação de tiras apertadas de algodão ou fibras vegetais, na forma de bandagens circunferentes, aos crânios das crianças de tenra idade, até suas cabeças tomarem formato cônico. Ainda segundo este autor, esses índios atribuiriam a prática deformatória à necessidade de se distinguirem de seus inimigos Karipuna, culturalmente próximos. Curiosamente, esse autor menciona serem todos os índios Karitiana, ainda na década de 50, portadores de crânios deformados. Apesar de não oferecer informações muito detalhadas, Hugo (1959) sugere que tais índios, embora em condição de despojamento de sua cultura material, mostrariam sinais da existência pretérita de uma cultura mais complexa e sofisticada.

CONCLUSÕES

A análise de documentos fotográficos do arquivo da Casa de Oswaldo Cruz revelou a existência de deformação craniana do tipo anular oblíqua entre os índios Karitiana, desde o princípio do século. Tem-se assim a possibilidade de retomar o estudo deste traço cultural, talvez indicativo dos movimentos de povos andinos ao longo da bacia amazônica.

A confirmação das práticas deformatórias entre índios brasileiros da região do rio Madeira é coerente com a ocorrência destas práticas na Bolívia, sugerindo possíveis migrações e relações culturais entre a Amazônia andina e a Amazônia brasileira. Este processo talvez possa ser estudado também a partir de parâmetros deformatórios. O reconhecimento das práticas de deformação em grupos históricos, através de documentos etnográficos e etnohistóricos, é essencial à interpretação de achados arqueológicos que recuam tal prática no Brasil a períodos pré-colombianos.

De antemão pode-se afirmar que a análise morfológica da deformação craniana dos Karitiana, confirmada pela documentação etnográfica, permite distinguir este tipo de deformação anular do tipo praticado pelos Cambeba. Ao contrário da sugestão de Porro (1992), tais tipos distintos de práticas deformatórias devem ser analisados em separado. Uma hipótese plausível é a de que o tipo anular teria

entrado no Brasil em tempos recentes (ao contrário do tipo tabular, mais antigo), sendo de observação restrita no espaço e no tempo. O tipo tabular, além de mais disperso na região amazônica, remonta a período pré-histórico.

No presente estudo, portanto, as fotos de arquivo representam a revigoração de um tema de grande interesse na pesquisa antropológica do Brasil. O material do acervo de Manguinhos não tem história clara, podendo ter sido concebido com a intenção de registrar a forma peculiar do crânio, as questões da antropologia de Kretschmer e de Gall e as relações entre morfologia craniana e caráter. Tal assunto, carregado de interesses policialescos, conotações de superioridade racial e questões eugênicas, parece ter sido objeto de interesse pessoal de Belizário Pena. Em sua discussão sobre o papel histórico e social da fotografia científica no Brasil, Thielen (1992) lembra que tal tipo de foto instantânea é um registro típico do princípio do século, quando a Antropologia avançava a passos largos como ferramenta poderosa para representar e ordenar o mundo, de acordo com o homem que o ocupava. Exemplos deste enfoque podem ser apreciados nas ilustrações utilizadas por Salzano (1992), ao discutir a Antropologia Física no Brasil.

Na época de sua obtenção, as fotos não necessariamente representariam conhecimento da prática deformatória, haja visto que os primeiros estudos sobre as coleções arqueológicas andinas ainda julgavam a conformação craniana peculiar de alguns povos andinos como consequência de padrões genéticos. Sabemos que as deformidades, por vezes de pequena intensidade, em muitos casos não podem ser seguramente diferenciadas das variações morfológicas anatômicas, por razões relativas a um tema polêmico: o conceito de norma e média (Canguilhem 1990).

Assim, ao fotografar o jovem modelo Karitiana, a equipe de Manguinhos poderia não ter reconhecido a deformação de caráter étnico. Mas um detalhe técnico sugere a implicação de interesses antropológicos na caracterização da deformidade, pois a execução de perfil rodado seria específica para o estudo das deformações, tal como recomendado no início do século. Sem serem divulgadas ou reconhecidas como retratos de um indivíduo com deformação craniana de caráter intencional, os registros fotográficos de Manguinhos, componentes singulares de um acervo normalmente não acessado por antropólogos, permaneceram longamente invisíveis aos especialistas, a ponto da informação sobre a existência dessas deformações no Brasil permanecer ainda ignorada nas publicações especializadas de meados do século.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a colaboração dos colegas Carlos Coimbra Júnior e Ricardo Santos (ENSP/FIOCRUZ), João Américo Peret (ISCB) e Ana Paixão (Museu do Índio), bem como a equipe da Casa de Oswaldo Cruz, em especial a Eduardo Thielen, pelo interesse com que auxiliaram a elaboração deste trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CANGUILHEM, G. 1990. *O normal e o patológico*. Rio de Janeiro. Forense Universitária.
- COIMBRA, C. E. A., Jr.; SANTOS, R. V.; TANUS, R. & INHAM, T. 1985. Estudos epidemiológicos entre grupos indígenas de Rondônia. II. Bactérias enteropatogênicas e gastroenterite entre os Suruí e os Karitiana. *Revista da Fundação SESP*, Rio de Janeiro, 30(2): 111-19.
- COMAS, J. 1966. *Manual de antropologia física*. México. Universidad Nacional Autónoma del México.
- DEMBO, A. & IMBELLONI, J. 1938. *Deformaciones intencionales del cuerpo humano de carater étnico*. Buenos Aires, Ed. Nova.
- FERREIRA, A. R. 1974. *Viagem filosófica às capitanias do Grão Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Amazonas*. Rio de Janeiro, Conselho Federal de Cultura.
- FLOWER, W. H. 1881. *Fashion in deformity*. London. Nature Series.
- FOUCAULT, M. 1987. *O nascimento da clínica*. Rio de Janeiro. Forense.
- HUGO, V. 1959. *Desbravadores*, v.2., Rio de Janeiro, Missões Salesianas de Humaitá, Amazônia.
- IBGE—Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 1981. *Mapa etno-histórico de Kurt Nimuendaju*. Rio de Janeiro, Fundação IBGE e Fundação Pró-Memória/SPHAN.
- IMBELLONI, J. 1925. Sobre el número de tipos fundamentales de los que deben referir las deformaciones craneanas de los pueblos indígenas de Sudamerica. *GAEA*, 1.
- METRAUX, A. 1948. The tribes of eastern Bolívia and the Madeira headwaters. In: Stewart, J. H. (ed.) *Handbook of South American Indians*. Washington. Smithsonian Institution.
- MUNIZAGA, J. R. 1987. Deformación craneana intencional en America. *Revta. Chil. Antrop.* 6: 113-47.
- PORRO, A. 1992. História indígena do alto e médio Amazonas: séculos XVI e XVIII. In: Cunha, M. C. (ed.) *História dos índios do Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, Secretaria Municipal da Cultura & FAPESP, p.175-196.
- ROOSEVELT, A. C. 1991. *Moundbuilders of the Amazon. Geophysical archaeology on Marajó island, Brasil*. New York. Academic Press.
- ROQUETTE-PINTO, E. 1975. *Rondônia*. São Paulo, Companhia Editora Nacional. (Brasiliana, 39).
- SALZANO, F. M. 1992. O velho e o novo em antropologia física e história indígena. In: Cunha, M. C. (ed.) *História dos índios do Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, Secretaria Municipal da Cultura & FAPESP, p.23-36.
- STEWART, T. D. 1950. Deformity, trephining and mutilation in South American Indian skeletal remains. In: Stewart, J. H. (ed.) *Handbook of South American Indians*, v. 6, Washington, Smithsonian Institution, p.43-48.
- THIELEN, E. V. 1992. *Imagens da saúde do Brasil: a fotografia na institucionalização da saúde pública*. Dissertação de mestrado. São Paulo, Pontifícia Universidade Católica, Departamento de História.
- THIELEN, E. V.; ALVES, F. A. P.; BENCHIMOL, J. L.; ALBUQUERQUE, M. B.; SANTOS, R. A. & WELTMAN, W. L. 1991. *A ciência a caminho da roca: imagens das expedições científicas do Instituto Oswaldo Cruz ao interior do Brasil entre 1911 e 1913*. Rio de Janeiro, Fundação Instituto Oswaldo Cruz (FIOCRUZ) & Casa de Oswaldo Cruz.

Recebido: 07.01.93

Aprovado: 19.01.95